

# O Pregão de S. Nicolau

2  
0  
0  
5



*Declamado nas ruas e praças de Guimarães,  
aos 5 de Dezembro de 2005,*

*por*

*Domingos Garcia Freitas*

*aluno do 12º ano da*

*Escola Secundária*

*Martins Sarmento*

*Dedicado pelo Autor e pela Academia a*

*Helder Rocha*

*e a quantos o acompanharam  
na defesa das nossas Tradições.*

**Nicolau, Nicolau! Aqui estou de novo  
Liberto na palavra, na velha Tradição  
De só tua vontade eu vir dizer ao Povo  
E trazer na verdade ao Berço da Nação  
O alerta vital que faça na mudança  
Fugir esta Nação a trágico destino  
Mantendo sempre viva a basilar esperança  
De reviver no mundo o sestro nicolino!**

**O sestro de viver a vida no estudo  
Que cada vez pior aí se fantasia  
Na cabeça solene de quem sabendo tudo  
Não sabe ao Povo dar a mínima alegria  
Num sinal de futuro e numa luz de Esperança  
Um rumo no devir, seguro no trabalho  
Um gesto a reverter esta desconfiança  
De ser o eleitor apenas um paspalho...**

Que cesse de uma vez a ganância do voto  
Dos que fazem ofício na luta do Poder  
E que ao alcançá-lo lançam em saco roto  
Mentirosas promessas que andaram a fazer  
Ficando delas só o eco e o registo  
Na triste e amarela folha de um jornal!  
Este o descaramento torpe e nunca visto  
Que lesa o cidadão, lesando Portugal...

Pois o Santo Ihes diz: tenham vergonha  
E metam em chinelos os pés mansos  
Porque o Povo conhece a vossa ronha  
E não suporta mais jogo de tansos!  
O que resulta destas brincadeiras  
Na resposta final de um Povo fino  
É vermos a Fatinha em Felgueiras  
E às portas de Lisboa o Isaltino!

E mais até... até muito melhor  
E na prova final do que vai dito  
Vermos em Gondomar como o Major  
Assopra seu poder por um apito!  
E na Madeira aquele gorduchinho  
Para quem o poder é brincadeira  
Lá continua à frente do bailinho  
Bebendo do seu vinho na torneira...

Ó Guterres fatal, por que fugiste?  
E tu, Durão, também a dar à sola?  
Sabemos que na fuga prevenistes  
Deixar ao nosso povo a dura esmola  
Dum futuro ruína, no engano  
Das promessas fatais e deslavadas  
Que fizestes ao Povo Lusitano  
Em palavras sem nome se faladas!

Pois em nome do povo aqui anoto  
A pressa que tivestes na partida  
E do mau uso feito do seu voto  
Numa traição final tão conseguida...  
Que fuga do Poder tão sem glória!  
O Povo Sentinela assim a vê-los  
No registo final que dá a História  
A todos os Miguéis de Vasconcelos...

E neste não avanço mal parado  
Cá vamos ao museu das pátrias mortas  
Que foi solenemente inaugurado  
Pelo Santana, a Manuela e Portas  
Na presença impante de Bagão  
Que de tudo ministro, num momento  
Levou este país, esta Nação  
À penúria fatal do Orçamento!

Os frutos aí estão: no desemprego  
A juventude vai desamparada  
E o reformado em desassossego  
Vê a magra reforma amputada...  
Vê a saúde a fugir-lhe esquiva...  
Vê o Ensino e a Justiça inerte...  
Sem esperança sequer de que reviva  
Novo Sonho de Abril que o desperte!

Aquilo que promessa era descer  
Não pára nem descansa na subida!  
E a cada dia um nos vem dizer  
Quão mais triste será a nossa vida...  
E já nova promessa e nova gente  
Aproveitando o mote entra na dança  
E nos promete a todos de presente  
No desemprego...um retomar de esperança!

**E certo que o dizem por dizer...  
Não custa mesmo nada prometer!**

Cansado de votar na incerteza  
A urna transformada em saco roto  
Vai o povo da pátria portuguesa  
Descrer da validade do seu voto!  
E cansado de burlas e promessas  
Na desgraça final que já futura  
Bem pode decidir pelas avessas  
E votar sem querer a ditadura...

Não obriguem o Santo a decidir  
Nem lhe perguntem como votaria  
Se neste mau caminho prosseguir  
Isto que dizem ser Democracia  
Mas deixa o operário sem tear  
O ferreiro sem forja, até sem malho:  
Um governo se quer a governar  
E a proteger de roubos o Trabalho!

Que cesse deste circo a palhaçada  
E seja o futebol só um desporto  
E não a droga, a droga envenenada  
Servida ora a povo mais que morto...  
Nada de Otas! Nada de TGVês!  
Nem rotundas sequer ou auto-estrada...  
Morre de susto o povo português  
Na tristeza das obras de fachada!

Que se faça cultura verdadeira:  
Não se veja ministro nem doutor  
Ao falar português dizer asneira  
De cara tão alegre e sem pavor...  
Asneira que nos sai depois escrita  
Com letrinhas inteiras no jornal  
A conspurcar a língua tão bonita  
Que outrora se falava em Portugal!

**E não deem as culpas por favor  
Ao vosso desgraçado Professor...**

Vai partir o Sampaio sem deixar  
Arrumada esta casa: Portugal!  
O Alegre se vai candidatar...  
Mas o Mário recusa o funeral  
E arranca na frente de Cavaco  
Contente de fazer mais um tabu...  
Todos esperam enfiar no saco  
Portugas como eu e como tu!

Guterres, o fradinho, fez-se Unesco...  
E não ouvimos já falar Santana...  
Durão para Bruxelas foi ao fresco...  
Manuela se fez Dona Fulana...  
O Portas lá se foi nas enxurradas...  
Mas os outros que agora lá estão  
De tais peças copiam as pisadas  
E não mudam as Leis de D. Bagão!

E neste nome triste aqui me fico  
E mais nomes não faço recordados  
Dos que fizeram orçamento rico  
Sempre à custa dos pobres Reformados...  
Do remorso não sentem mordidelas  
E do mando se vão bem aviados  
Estes novos amantes de Bruxelas  
Que em desgraça nos fazem desgraçados!

Tu deixa o tabaquinho! Vai à passa  
Que farta no mercado se apresenta  
E de tantas famílias na desgraça  
Na fortuna de poucos se contenta...  
Do vício do tabaco vais curado  
E nunca morrerás mais de catarro  
Que já não pode um pobre desgraçado  
Fumar tantos impostos num cigarro!

E o velhinho privado da chupeta  
Perdido na velhice sem remanso  
Vai dar-lhe certamente na veneta  
O requerer final de seu descanso  
Ao ilustre ministro das finanças  
Que ao privá-lo assim da nicotina  
Está a deferir com falas mansas  
Do ancião a morte repentina!

**Não mais eu te verei tão triunfante  
Nas longas baforadas dum paivante...**

Mas vou dizer aqui que não lamento  
O suicídio destes desgraçados  
Que eram salvação dos orçamentos  
À sua custa sempre equilibrados!  
Agora com reforma nos setenta  
Acaba da reforma o despautério:  
O velho no trabalho se arrebenta  
Ou vai no Desemprego ao cemitério...

**São estas soluções, estas conquistas  
O brilho intenso dos economistas!**

E feitas eleições por alto preço  
O nosso voto pago a bom valor  
Cá regressamos todos ao começo  
De um futuro de há muito assustador!  
Até que o Povo cansado de doutores  
E dos mesmos mentores celebrados  
Eleja a governar os lavradores  
Que nos mostrem os campos bem lavrados...

Não pode ser assim, não pode não  
Este sonho de Abril ser destroçado  
No nosso Portugal, pobre Nação  
Onde o pão que se come é tributado  
Para pagar a obra descarada  
Dos que fazem progresso de cimento  
E abrem com orgulho a auto-estrada  
Onde circula um Povo em sofrimento!

Mas não vamos aqui ser o Bandarra...  
Desejamos que chova porque a chuva  
Vale mais que discursos que dão parra  
Quanto mais na promessa mostram uva!  
Mas a cada tear que vai parado...  
Cada forja que vemos apagada...  
Cada barco que vemos'i varado...  
Cada escola desfeita, abandonada...

Vemos marca terrível do progresso  
Na mais treta mentira alicerçado!  
O futuro tornado retrocesso  
E a lembrar tristezas do Passado...  
Só nos falta fazer no Parlamento  
No dia que lhes seja mais azado  
Demonstração do nosso sofrimento  
No sempre repetido e velho fado!

**E convém anotar: nem sempre é boa  
A Lei Geral que sopra de Lisboa...**

E veremos então meu Portugal  
A eleger de novo um novo Rei  
E a trabalhar no duro e na real  
Per Deos, pola Lei e pola Grei  
Sem futebol, sem fado, sem partidos  
Liberto dessa treta dos doutores  
E sem mais à Europa submetidos  
No galarim maior dos vencedores!

**O Santo assim o quer, o Santo Mor  
Da malta Nicolina o protector!**

Agora que à cidade sou chegado  
E a tem o Santo bem no coração  
Dou nela bem havido e bem provado  
O progresso do resto da nação:  
Não falta aí cimento levantado...  
Caixote, caixotinho e caixotão...  
O lixo recolhido com cuidado...  
Bem separado o vidro do cartão...

Palácio Vila Flor recuperado  
Bem pode ser o Centro da Cultura  
Se for aberto ao Povo e ao Povo dado  
Como espaço de Ser e de Procura!  
Parabenizo aqui Dona Francisca  
Que a Cultura faz Municipal...  
E veremos agora se ela arrisca  
Mudar o panorama cultural!

Do Cosme a obra feita lá na Penha  
Só peca no cimento assim à vista  
Mas esperamos nós que a hera venha  
No retoque da nódoa paisagista...  
De resto o que promete o Cosme faz  
E vai banir decerto aquela feira  
Fazendo regressar a velha paz  
Que tinha a nossa Penha verdadeira!

Parece a nosso Santo que ora cabe  
Falar-se num apelo comovido  
Dum rio português. o Rio Ave  
Que nas Taipas se vê tão poluído  
A pontos de, se alguém aí nadar  
Correr o sério risco de morrer!  
Mas vemos a Vimágua lá pescar  
A água que cidade anda a beber...

Claro que refeita e que tratada  
Aparenta água limpa e com saúde  
Mas não passa de droga bem drogada  
Segundo investigar eu soube e pude...  
E não faço questão de aqui dizer  
O que há muito repete o Zé Povinho:  
A água p'ra lavar! Que p'ra beber...  
Já Baco preferia beber vinho!

**Que a Vimágua nos traga lá do Douro  
Um tinto de respeito ao bebedouro...**

Que se passa com Muma na verdade  
Tão as costas a dar ao Tribunal?  
Quem se atreveu a vir cá à cidade  
Roubar o seu antigo pedestal?  
E quem a pôs assim numa peanha  
Mais própria de uma reles figurinha?  
Truncando o monumento que se ganha  
Se não a dimensão de cascatinha?

O Dom Afonso, o nosso, o do Castelo  
Sabendo do Afonso Cutileiro  
Pedi municipal o camartelo  
Na implosão de aborto tão foleiro!  
Registo aqui do Rei o seu desgosto  
E imploro a Magalhães, só como sei  
Que em nome da Arte e do Bom Gosto  
Salve a Cidade do Pedrulho-Rei...

O outro Magalhães, o do Vitória  
Que lá por fora ao menos se aguenta  
Terá de sempre sua essa glória  
De arrumar de vez o D. Pimenta  
Cuja fama se fez naquele alerta  
Que o mundo correu em volta inteira:  
"A mentira de ontem mais incerta  
É amanhã verdade verdadeira"!

**E não digam que o homem não sabia...  
Ou que era ele sozinho que mentia!**

Olhai, ó juventude, ó Nicolinos  
A quem a Festa pelo Santo é dada:  
Fazei-vos no estudo bem ladinos  
E usai sempre a capa bem traçada...  
A capa e a batina que era dantes  
Sem tricórnio ou meia descarada  
Pois sempre em Guimarães os estudantes  
Fizeram a Ciência bem trajada!

E agora que a nossa Academia  
A três Escolas vai já alargada  
Usar o velho traje bem seria  
Prova definitiva e acertada  
Deste nosso querer tão Nicolino  
Ao traje nosso, o traje sem idade  
Tão diferente do novo e cabotino  
Que de Braga chegou cá à Cidade...

**Já nos constou ser obra do Demónio  
Esta invenção solerte do tricórnio!**

A Escola de Sarmento reforçada  
Na de Santos Simões e na de Holanda  
Fará saber de forma bem marcada  
O que o Santo em Pregão aqui nos manda!  
Por falar nisso...o nosso Monumento  
Só vai ganhar no tempo mais sentido  
E Magalhães decerto a cem por cento  
Fará cumprir o que foi prometido...

E vós de Guimarães as damas minhas  
Luzindo como sol em frio Inverno  
Colhei de minha lança as maçãzinhas  
Que são de nosso Amor o gesto terno...  
Entrai na dança e vinde à nossa Festa  
Que é vosso este querer, este carinho  
E a consolação que só nos resta  
É trazer-vos a ela em bom caminho...

**Um sorriso que venha feito prenda  
Aceso num Amor que bem se entenda!**

**Aí ó malta!** A hora vai chegada  
De mostrarmos a Bush de uma vez  
O que é a maçaneta bem alçada  
Na mão do Estudante Português:  
Fazei aí estrondo tão ousado  
Que no Afeganistão e no Iraque  
Suspensos os apoios do Senado  
A guerra finalmente dê o traque!

Ao mostrarmos ao Santo a devoção  
Que temos pela Vida e pela Paz  
Ao tredo capital diremos não  
E ao mundo global que ele nos traz  
Oporemos a força da Razão  
No barulho final que aqui se faz...

**E não nos venha Bush, esse pinoca  
Servir o seu arroz, arroz chinoca!**

Que no Olimpo os deuses reunidos  
No pasmo desta nossa Tradição  
Já tiraram a cera dos ouvidos  
Para melhor ouvir nosso Pregão!  
E já Minerva corre alvoroçada  
A fazer tranquilo o próprio Zeus  
Garantindo que a nossa zabumbada  
É alegria mor dos filhos seus...

Que seja construída em Portugal  
Que tantas pátrias novas deu ao mundo  
Do Amor e da Paz a capital  
Dum Humanismo são e mais profundo!  
Por isso aqui vos manda o nosso Santo  
Que bem erguida seja essa baqueta  
E barulho se faça tanto e tanto  
Que do Poder abafe a velha treta!

Zupai-me nessas peles com vigor...  
Firmai-me essas caixas bem no lombo...  
Que o mundo acorde já do estupor...  
E o Demo no inferno dê um tombo!

**É bem de Guimarães a Tradição  
Que o Santo faz cumprir neste Pregão!**

*A. Meireles Graça, fecit in su Tebaida de Creixomil.  
ad Nicolorum arroubos.  
Guimarães, Novembro, 2005*



*Eng.º Helder de Lemos Rocha*

*N-15/11/1916*

*F-17/01/2005*

*Cá temos nós o Nicolino Mor  
Numa foto vulgar em que o topo:  
As mesas e cadeiras em redor...  
À mão de semear um belo copo!*

*Viveu connosco em grata companhia...  
De muitas gerações se fez parceiro...  
Contava só os anos que fazia  
Ao renascer nas Noites do Pinheiro!*

*A.M.G.*